

**Resenha:**

SINGER, André. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

**O lulismo em foco**

ANGELITA MATOS SOUZA\*

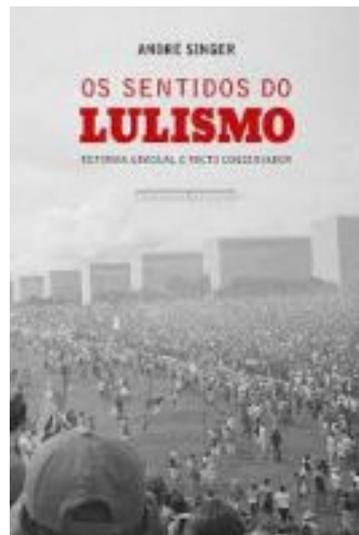
A leitura de *Os sentidos do lulismo*, de André Singer, deve ser o ponto de partida às tentativas de compreensão do significado dos governos Lula para a história recente do país, tendo em vista a riqueza das formulações sobre o fenômeno assaz contraditório, como o próprio autor adverte. O lulismo seria caracterizado pela conquista do apoio eleitoral do subproletariado aos governos Lula, processo no qual foi crucial o tripé formado pelo Bolsa Família, aumentos do salário mínimo e do crédito à população de baixa renda, combinado a inúmeros programas assistenciais e à manutenção da estabilidade dos preços. Tudo com a ajuda do *boom* das commodities.

A ideia central é a de que as eleições de 2006 expressaram um “realinhamento eleitoral”, apontando à emergência do fenômeno do lulismo, tão positivamente popular – sem dúvida houve inclusão social – quanto pode ser conservador. Isto porque o seu suporte político encontrar-se-ia no subproletariado, com destaque ao peso do Nordeste. “Não somente porque na região empobrecida, que é a segunda mais populosa do país, habita boa parte dos subproletários, mas porque dela irradiam os subproletários que buscam oportunidades no centro capitalista, que é o Sudeste” (p. 78).

Com a emergência do lulismo teria se alterado a geografia territorial e social

do voto ao PT, se antes o eleitorado do partido provinha, sobretudo, das regiões Sul e Sudeste, com maior adesão entre eleitores mais escolarizados e/ou politicamente organizados, as eleições de 2006 marcam uma inflexão, com a base eleitoral de partidos/candidatos conservadores aderindo ao lulismo. Por sua vez, o PT teria perdido espaço entre o seu eleitorado anterior (devido ao escândalo do mensalão), eleitorado que, todavia, teria seguido fundamental para os cargos do Legislativo, numa dissonância entre lulismo e petismo que, segundo Singer, teria diminuído na eleição subsequente, com maior adesão do subproletariado ao PT no âmbito do legislativo (ver capítulo 2).

André Singer defende a perspectiva “de classe” na análise do lulismo (embora assentada no critério renda), o subproletariado seria a fração da classe explorada mais à deriva no mundo do trabalho – com renda de até dois salários mínimos e destituída das condições mínimas de organização política desde baixo – despontando na cena política como massa, identificada à liderança que, “desde o alto, aciona as alavancas do Estado para beneficiá-la” (p. 37). O paralelo com a análise de Marx em *O 18 Brumário* é claro, mas Singer reconhece que é preciso cautela,



tendo em vista que as similitudes entre Bonaparte III e Lula são limitadas (p. 37); ademais, Marx foi mais crítico da política de massas do bonapartismo do que será Singer com o lulismo (talvez com justiça). Em todo caso, aproximações com o bonapartismo e/ou populismos seriam possíveis na medida em que o lulismo também se manifesta como política de massas (muito embora Lula seja um líder de partido). Isto é, movimentação desde o alto sem mobilização política, cuja prioridade é a redução da pobreza e não da desigualdade, com o enfraquecimento da “visada de classe” e da polarização entre esquerda e direita, que cede espaço à polarização entre pobres e ricos.

A ideia de revolução passiva & reformismo fraco é o outro norte teórico da análise, o lulismo implicaria no surgimento “de um bloco no poder novo, com projeto próprio, para cuja compreensão as noções de *política de massas* (*O 18 Brumário*) e de *revolução passiva* (Gramsci)” seriam úteis, se filtradas pela cor local (p.45). Para Singer teria ocorrido uma espécie de “semitransformismo” entre dirigentes do PT, com quadros antes ligados à defesa de um programa de reformas forte passando ao compromisso com o reformismo lento e desmobilizador, mas ainda reformismo (p.45). O partido estaria dividido entre duas almas, a 1ª marcada pelos princípios do socialismo ou ao menos do reformismo radical - o espírito de Sion, em referência ao colégio onde foi fundado o PT em 1980 - e a 2ª sob a égide da “Carta ao Povo Brasileiro” de 2002 - o espírito de Anhembi e seu compromisso com a ordem. O lulismo reforçaria a 2ª alma, sem eliminar a 1ª, estabelecendo-se a convivência contraditória.

Não é possível aqui sequer apontar para metade das interpretações do autor sobre o fenômeno estudado, para concluir faremos apenas considerações breves sobre o que nos parece ser o central na tese do pacto conservador: a ideia de que o governo Lula se ajustou ao conservadorismo da sua nova base social, o subproletariado, que anseia por um Estado capaz de intervir em seu favor sem perturbação da ordem estabelecida, expectativa a qual corresponderia o reformismo fraco. Em defesa desta tese, Singer retoma Marx (*O 18 Brumário*) e pesquisas eleitorais, todavia são muito diferentes as condições do campesinato francês do século XIX (pequenos proprietários endividados) das do subproletário sustentáculo do lulismo, sendo a análise de dados eleitorais insuficiente para convencer o leitor do conservadorismo do subproletariado no Brasil.

É certo que Singer reconhece que o caminho da política de massas com desmobilização foi uma escolha do governo Lula (p.188), porém a ideia de que este se amoldou ao conservadorismo da base de apoio tende a predominar e a incomodar. Não se trata aqui de negar tal possibilidade, todavia pesquisas mais exaustivas são necessárias a fim de se dimensionar o conservadorismo da base de apoio do lulismo. O argumento da aversão às greves, por exemplo, deve ser relativizado, pois àqueles aos quais não é viável este direito - como trabalhadores domésticos - é compreensível que sejam contrários na medida em que prejudicados pelas greves. Mas imaginemos que membros do subproletariado sejam indagados sobre se diante da oportunidade de saques sem riscos de repressão policial, tomariam parte do movimento de apropriação do bem alheio. Suspeitamos ser bem provável que a resposta seja

positiva e com bons argumentos em torno da justiça do ato, assim como é possível que o MST conte com a simpatia de parte do subproletariado, pelo menos contou com a dos que aderiram ao movimento.

Tampouco seria impossível combinar política de massas com mobilização política “desde o alto” (e Singer não afirma o contrário), o chavismo em larga medida percorreu esse caminho, se o governo Lula descartou tal alternativa isto se deve, provavelmente, muito mais ao medo da reação conservadora dos detentores da riqueza do que do subproletariado. De fato, a classe explorada tende a se movimentar orientada por uma noção intuitiva de justiça social, depositando no Estado suas esperanças de melhores condições de vida porque influenciada por ideologias como a do Estado neutro/povo-nação. Na busca da realização deste ideal o proletariado em condições de organização política tende à identificação com candidatos mais à esquerda, contudo o comportamento do subproletariado pode ser mais errático (indo de Celso Russomano ao PT).

Por sua vez, o que pode levar às formas mais autônomas de mobilização política é o grande tema das ciências humanas de inspiração marxista. Nesta direção, nem tudo seriam nuvens no horizonte do lulismo para Singer, desde que se prossiga na combinação de distribuição

de renda com algum crescimento econômico e o subproletariado passe à condição de proletariado, a redução do “escopo do exército industrial de reserva, produzirá uma modificação estrutural, (...) que ao fim e ao cabo legará uma massa trabalhadora compactada e não mais dividida em duas alas separadas (p.208)”.

Pode ser, contudo nos limites da ideia de pacto conservador, a possibilidade de instrumentalização do lulismo para avançar a destruição de direitos trabalhistas pelos governos do PT é que talvez mereça mais atenção. Até porque a comparação entre os governos Lula e Roosevelt, estabelecida por Singer, ainda que saliente as diferenças históricas, não leva em devida conta a relação de animosidade/conflito com os detentores da riqueza privada que marcou o governo Roosevelt, muito, muito distante do que se deu no caso brasileiro.

Por fim, a leitura de *Os sentidos do lulismo* é valiosa, porém deixa a impressão de que a Era Lula está marcada pelo signo da mediocridade, mesmo assim, os dois mandatos Lula estariam entre os melhores da história do Brasil.

*Recebido em 2013-02-26*

*Publicado em 2013-04-06*



\* **ANGELITA MATOS SOUZA** é Doutora em Economia pelo IE/Unicamp. Professora no DEPLAN/IGCE, UNESP de Rio Claro-SP.